

# NÃO SILENCIOU SOBRE O SEU TEMPO<sup>1</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i37p131-136>

**Osman Lins**

---

<sup>1</sup> Texto publicado originalmente em LINS, Osman. *Do ideal e da glória*. Problemas inculturais brasileiros. São Paulo, Summus Editorial, 1977. p.171-75.

**L**ima Barreto, Afonso Henriques de Lima Barreto, nascido no Rio de Janeiro, exatamente há 95 anos e hoje reconhecido como um dos mais importantes escritores brasileiros, vem ao mundo com perspectivas não de todo sombrias, apesar da origem negra e dos limitados recursos da família. O pai, João Henrique, filho natural de um português e de uma antiga escrava, tinha algumas letras, profissão definida – era tipógrafo – e chegou mesmo a traduzir do francês um manual técnico. Havendo fracassado na sua tentativa de formar-se em Medicina, ambicionava para o filho um diploma, um título superior e estava disposto a fazer para isto o que fosse necessário. Mas, na Escola Politécnica, parece que havia certa resistência àquele aluno de cor, o próprio Lima Barreto não leva muito a sério o curso, prefere ler os filósofos, publicar artigos num jornal dos estudantes com o excêntrico pseudônimo de Momento de Inércia e sempre está faltando às aulas. Finalmente, o pai, viúvo e com quatro filhos, enlouquece; e o futuro romancista, então com 21 anos, assume a chefia da família.<sup>2</sup>

Até morrer, aos 41 anos, com o pequeno ordenado de servidor na Secretaria da Guerra e, depois, com uma pensão ainda mais exígua, não conhecerá jamais períodos de fartura. Às vésperas do seu 37º aniversário, a 16-4-1918, escreve a Antônio Noronha Santos: “Não estou doente, mas sem roupa e de lá para sair, poisa que tinha a parte aproveitável meu irmão mandou-a lavar e também fazer umas calças”. Apesar de tudo, realizará, na sua curta e atribulada existência, a que não

---

<sup>2</sup> V. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1967.

faltarão o álcool e a prematura degradação física, culminando com os internamentos no hospício, uma obra ficcional vigorosa, com vários contos de qualidade e, pelo menos, três romances definitivamente integrados ao nosso patrimônio literário: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Este último publicado por Monteiro Lobato na sua Revista do Brasil, traz para o autor alguma vantagem financeira. Lobato, com a correção que sempre o caracterizou, propõe a Lima Barreto (carta de 15-11-1918) 800\$000 na entrega dos originais; ou 1:000\$000 em duas prestações, 50% na entrega dos originais e o restante três meses depois de publicado o livro (e não, note-se, mediante prestação de contas sobre os exemplares vendidos). *Isaías Caminha* é editado em Portugal sob uma condição: o escritor renunciará aos direitos autorais. Para o *Triste fim de Policarpo Quaresma*, toma dinheiro emprestado; também para reeditar no Brasil *Isaías Caminha*.

Então, objetivando reforçar o orçamento precário e sem considerar-se um jornalista, como afirma em carta a Paulo Hasslocher,<sup>3</sup> publica na imprensa, ao longo de anos, grande número de artigos, reunidos nos volumes *Bagatelas*, *Feiras e Mafuás*, *Vida Urbana*, *Marginália* e *Impressões de Leitura*. Críticos e público, mais atentos à sua obra romanesca, têm negligenciado um pouco esse lado circunstancial da sua produção,<sup>4</sup> não suficientemente conhecida, 54 anos após a sua morte solitária, a 3 de novembro de 1922, tendo à mão, em vez de vela, um volume da *Revue des Deux Mondes*.

Esse desconhecimento relativo é injusto e só não espanta porque já temos ciência da debilidade que caracteriza o nosso panorama intelectual, propenso, como na vida agrária, à monocultura, à queimada e ao abandono de terrenos férteis.

Imaginam, decerto, os que não leram aqueles volumes de crônicas e deles só conhecem (quanto muito) os títulos, versarem sobre matéria passada e sem mais interesse. Teriam, pensa-se, um valor documental e só poderiam interessar, talvez, a estudiosos – do autor ou da História. Ora, seria bom iniciar, com urgência, para

<sup>3</sup> 29-1-1919, in *Correspondência*, II, 2ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p.144.

<sup>4</sup> “E eu acredito que não se pode aprofundar o conhecimento e a compreensão da sua obra de ficção sem se conhecer e compreender as reflexões e memória, que nos deixou sob a forma de artigos e crônicas de jornal.” PEREIRA, Astrojildo. Prefácio a *Bagatelas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p.13.

nossa honra e proveito, um esforço no sentido de eliminar esse equívoco. A produção “circunstancial” do escritor Lima Barreto, realizada, naturalmente, às pressas e por vezes sem cuidado, continua viva, atual (mais atual e viva do que muita coisa que se publica) e não são poucas as lições que tem a oferecer, inclusive aos que escrevemos, mas não apenas a nós.<sup>5</sup>

A curiosidade do escritor, por assim dizer, era universal. Tem os olhos sempre abertos e nada lhe escapa, nada o deixa indiferente.<sup>6</sup> Assim, não faltam as cenas de rua ou dos trens de subúrbio, anotações sobre tipos humanos, paisagens, festividades. O cronista Lima Barreto poderia ficar em temas assim: a remuneração destinada a suprir o orçamento estava garantida. Ao contrário – e aí reside a primeira lição a extrair desses seus escritos – evitando omitir-se, opina sem cessar. Recusa-se a ser, coisa cada vez mais frequente entre nós, o escritor que, concentrado exclusivamente na realização da sua obra poética ou ficcional, silencia para o momento presente, de tal modo que nasce, vive e morre sem se externar claramente a respeito de nada. Ele, não. Senhoras da sociedade promovem um chá dançante para auxiliar as crianças pobres? L. B. desmistifica a futilidade mascarada de boas intenções. Instala-se num “palácio americano” a Biblioteca Nacional? Sua alma de “bandido tímido” protesta. Por que, pergunta, “abrigar uma casa de instrução, destinada aos pobres-diabos, em um palácio intimidador”? As formandas do Instituto de Música reivindicam um anel de formatura? Sugere, em vez de anel, tatuagem. Enchentes no Rio? Acusa Pereira Passos de preocupar-se com fachadas e descurar de problemas essenciais.

Mas não se creia que fique por aí. Amando profundamente as letras e não vendo, no seu exercício, um simples meio de afirmação pessoal, procura servir sem esmorecimento a todas causas que lhe pareça justa. Em carta aberta a Rodrigues Alves, então Presidente da República, fala do que nos corrói: “Um pendor mal disfarçado para o despotismo da burguesia enriquecida com a guerra, por todos os

---

<sup>5</sup> “... o enorme acervo dos ‘escritos circunstanciais’, escritos altamente representativos de uma larga fase de nossa evolução social e, por isso mesmo – pois que sob uma visão nada habitual à média das ideias vigentes no tempo – de grande importância dentro da obra do escritor e – por que não acrescentá-lo dentro da história das ideias de nosso país.” HOUAISS, Antônio. Prefácio a *Vida urbana*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p.32.

<sup>6</sup> “Aliás, uma curiosidade incansável instigava a sua grande capacidade de ver e de interpretar, não exagerando quando escreve: ‘sou curioso de todas as cousas’. Essa curiosidade, bem entendido, abrange o mundo e a arte.” (LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Editora Ática, 1976. p.27. Desenvolvo nesse livro, com uma certa minúcia, o tema aqui aflorado).

meios lícitos e ilícitos, honestos e imorais, de mãos dadas com as autoridades públicas e os representantes do povo”.<sup>7</sup> Comentando a falsificação de cartas atribuídas a Artur Bernardes, lembra que a política, no Brasil (ao contrário do que preceitua Bossuet), “tende para tornar a vida incômoda e os povos infelizes”.<sup>8</sup> Durante a guerra, não se cansa de escrever, denunciando-a como uma manobra do capitalismo internacional.

Seria quase impossível, aliás, dar uma ideia da variedade de assuntos sobre os quais se manifesta. Embora, na grande maioria dos casos, sua opinião seja correta, nem sempre – claro – concordamos com ele. E isto, ao invés de diminuir o significado da sua atitude, valoriza-a ainda mais: Lima Barreto (coisa rara em quem publica!) não quer parecer sábio e infalível. O que ele teme é silenciar, é omitir-se. O erro básico, fundamental, nos qual evitar incorrer: o do alheamento. Não será isto, nos dias que correm, uma importante lição sobre a qual meditar?

Além do mais, sempre que se manifesta, evita os meios-tons, as restritivas, os disfarces, as atenuantes. Vai direto ao assunto e abre o jogo. Assim quando fala, na mesma carta aberta a Rodrigues Alves, do que chama a “ambiência mental da imprensa periódica” e que, para o escritor, “é feita com o desconhecimento total do que se passa fora da sua roda, um pouco da política e da dos literatos, determinando esse desconhecimento um desprezo mal disfarçado pelas outras profissões, sobretudo as manuais”.<sup>9</sup> Ou quando, comentando a participação do país na Primeira Grande Guerra, proclama que o Brasil “embebedou-se com discursivas, deixou a sua filosofia bonacheirona de matuto e meter-se na guerra para tomar os navios mercantes alemães, passa-los a outras mãos, vender café, a fim de dar lucro e comissões avultadas a certos espertalhões fartos que chamam todos os mais de vagabundo”.<sup>10</sup> Ou, ainda, ao referir-se a Woodrow Wilson: “Quando fala bonito do alto daquele Capitólio-Pele Vermelha, representa um *trust* financeiro ou quer que seja, e julga os interesses do mundo através do prisma dos interesses desse *trust*”;<sup>11</sup> e não faz por menos quando está em jogo a literatura, a seriedade da literatura. Mais de uma vez, ataca frontalmente Coelho Neto, então uma glória incontestada: “Em anos como os que estão correndo, de uma literatura

---

<sup>7</sup> *Bagatelas*, p.108.

<sup>8</sup> *Marginália*, 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p.58.

<sup>9</sup> *Bagatelas*, p.112.

<sup>10</sup> *Idem*, p.152.

<sup>11</sup> *Idem*, p.154.

militante, cheia de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura do Senhor Coelho Neto ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro”.<sup>12</sup>

Temos aí mais uma lição preciosa. Do nosso viver diário, está desaparecendo a franqueza. Pouco se opina – e não apenas sobre política, terreno hoje sabidamente interdito e estacionário, sujeito a regras caprichosas. Pouco se opina e nas raras vezes em que alguém se externa, em que emite um juízo, vem sempre com panos mornos. Ficamos, parece, educados demais, muito gentis, mestres em ocultar o pensamento, sinal certo de decadência e de imobilidade cultural, senão de retrocesso.

Mas, tanto a frequência com que se manifesta o satírico de *Os Bruzundangas*, como o vigor com que o faz, poderiam ainda ser suspeitos. Lima Barreto, o escritor, atuando nos jornais, poderia figurar uma espécie – como houve e há – de pistoleiro verbal, pronto a alvejar a vítima por um certo preço devidamente ajustado. O exame dos seus numerosos escritos revela-nos, de ponta a ponta, uma coerência a toda prova. Ele esteve sempre, invariavelmente, do mesmo lado. Sóbrio, obscuro amanuense na Secretaria de Guerra, na posse do seu juízo, caindo de bêbado nas ruas, jogando no hospício, aposentado, com quatro níqueis no bolso, sem tostão, com o pai doido em casa, são, enfermo, devendo dinheiro, com alguma esperança ou totalmente desesperado, ele sempre esteve do lado da justiça, da paz, da liberdade, da verdade, dos oprimidos, dos violentados – e nunca, um minuto só da sua vida, pôs a sua pena a serviço de nenhuma causa iníqua.

Mergulhar, então, nesses escritos é, para todo indivíduo mentalmente ativo, um ato tonificante e uma espécie de recuperação da memória. Vivendo numa época mofina, de esquivações e de suscetibilidades extremas, tendemos a esquecer que um escritor não vive de reverências e nem de sapiência, que é próprio do escritor espicaçar, falar sem ser chamado, interferir, errar (errar! errar!, essa coisa tão fecunda e saudável) e procurar manter viva, por mais que isso lhe custe, a lembrança da dignidade humana e das obrigações que impõe a um homem o arriscado ofício de escrever.

(13-5-1976)

---

<sup>12</sup> *Impressões de leitura*, 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961, p.76-7.